

A IGREJA TEM SALVAÇÃO?

HANS KÜNG

**A IGREJA TEM
SALVAÇÃO?**



Título do original
Ist die Kirche noch zu retten?
ISBN do original 978-3-492-05457-7
© 2011 Piper Verlag GmbH, München

Direção editorial
Zolferino Tonon

Tradução
Saulo Krieger

Produção editorial
AGWM produções editoriais

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Küng, Hans
A igreja tem salvação? / Hans Küng ; [tradução
Saulo Krieger]. — São Paulo : Paulus, 2012.

Título original: *Ist die Kirche noch zu retten?*

ISBN 978-85-349-3392-6

1. Igreja Católica – História 2. Igreja Católica – Crise
3. Religião e ética I. Título.

12-08412

CDD-CDD-261.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica : Crise : Teologia social 261.8

1ª edição, 2012

1ª reimpressão, 2012

© PAULUS – 2012
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 – Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3392-6

Sumário

De como me vi obrigado a escrever.....	11
---	-----------

I Uma Igreja doente, e doente terminal?

Sobre o estado de coisas.....	23
1. Como está não dá pra continuar.....	23
2. Colapso das estruturas da Igreja.....	26
3. O colapso da política de restauração de dois papas.....	30
4. O caráter “invernal” de uma Igreja enferma.....	32
5. Ataques febris.....	35
6. Sete reações à doença da Igreja.....	42
7. Bispos prontos para o diálogo.....	44
8. Bispos que dão as costas ao diálogo.....	48
9. Necessidades de diagnóstico e terapia.....	52
10. Eutanásia ou reanimação?.....	54
11. A história da Igreja como anamnese.....	58
12. Qual deve ser o critério da verdade: a tradição ou o avanço?.....	61
13. As Igrejas têm de ser mais cristãs.....	64
14. Um instantâneo pra fazer pensar.....	67
15. As outras Igrejas.....	70

II Diagnóstico do sistema romano

Anamneses e diagnósticos.....	75
1. Pedro – O primeiro papa?.....	77
2. Pretensão de domínio por Roma – Proclamada desde cedo.....	81
3. O primeiro papa real e sua ideologia centrada em Roma.....	83
4. Papas que erram, falseamentos papais e processos contra o papa.....	87
5. Papas nada santos e a necessidade de reformas....	91
6. Do princípio romano ao sistema romano.....	95
7. Cisão da cristandade una pelo sistema romano....	98
8. Como curar feridas abertas.....	101

III O germe de uma doença crônica

Resultados de pesquisas e terapias.....	103
1. O monopólio do poder e da verdade por Roma ...	104
2. Jurisdicismo e clericalismo.....	107
3. Hostilidade ao sexo e às mulheres.....	110
4. Propensão ao uso da força e da mentalidade das Cruzadas.....	114
5. Conversão do poder mundial do papa em impotência papal.....	117
6. A recusa às reformas.....	120
7. A Reforma Protestante: resposta radical à indisposição para as reformas.....	123

IV Reabilitação com recaídas

Forças motivadoras e contraforças a caminho da modernidade.....	129
1. Reabilitação necessária.....	130
2. Uma reabilitação aparente: o Concílio da Contrarreforma.....	131
3. O antimundo católico-romano na modernidade....	134
4. Primeiro vírus: hostilidade da Igreja à ciência.....	136
5. Retrocessos: Charles Darwin.....	139
6. Segundo vírus: a Igreja contra o progresso.....	140
7. Retrocessos: a pílula.....	143
8. Terceiro vírus: a Igreja inimiga da democracia.....	146
9. Retrocessos: paixão por regimes autoritários.....	149
10. Quarto vírus: entusiasmo com a restauração católico-romana.....	151
11. Retrocessos: índice da alienação do povo.....	153
12. Sistema romano em embate frontal com os modernos.....	156
13. Retrocessos: Roma e a China comunista.....	159
14. A análise do histórico da doença seria válida apenas para o mundo ocidental?.....	161

V Grande ação de salvação

Reforma e modernizações pela metade.....	165
1. Como salvar a Igreja? Entre o modernismo e o antimodernismo.....	165
2. Pio XII – um papa sagrado?.....	168
3. A Igreja revive: João XXIII.....	171

4. Duas bem-sucedidas mudanças de paradigma: o Concílio Vaticano II.....	173
5. Em vez de renovação, restauração: Paulo VI.....	176
6. Reincidência na constelação pré-conciliar: João Paulo II.....	178
7. “Santo subito?” Maciel, os milagres e o sagrado inflacionado.....	182
8. Porque os bispos se calam.....	189
9. A conformidade forçada do episcopado.....	192
10. Como fazer carreira “ao modo romano”.....	194
11. Uma Igreja de fachada.....	199
12. Modelo neotestamentário para sanar a condução da Igreja.....	204
13. As três promessas petrinhas – As três tentações papalinas.....	207

VI Terapia ecumênica

Medidas de salvação.....	213
1. Osteoporose do sistema eclesiástico?.....	213
2. Sistemas autoritários podem implodir.....	215
3. Norma para a reforma da Igreja: não mais a prerrogativa a direitos autofabricados, mas sim o Cristo ao qual a Bíblia confere testemunho histórico.....	220
4. A Igreja deve fortalecer suas funções principais e ao mesmo tempo perceber sua responsabilidade social.....	224
5. O papa tem de se esforçar visando uma comunidade com a Igreja.....	226

6. Não é o caso de destruir a Cúria Romana, mas de reformá-la segundo o Evangelho.....	232
7. Em vez da administração pelo favoritismo, pessoal especializado mais competente	234
8. <i>Glasnost</i> e perestroica para as finanças da Igreja.....	240
9. Em vez de reformar a Inquisição, aboli-la.....	248
10. Eliminar todas as formas de repressão.....	251
11. Direito eclesiástico: em vez de aperfeiçoamento, uma conformação radicalmente nova.....	255
12. Padres e bispos permitem o casamento	260
13. Abrir todos os cargos eclesiásticos para as mulheres	263
14. Nova inserção e envolvimento de clero e leigos pela eleição dos bispos.....	265
15. Não mais recusar a Santa Eucaristia católica a cristãos evangélicos	267
16. Entendimento e colaboração ecumênicos reais, sem desculpas nem omissões.....	270
17. Terapia compulsória, se preciso for?.....	275
18. Com vistas a uma convalescença.....	284

Conclusão:

A visão que persiste	287
Agradecimentos.....	291
O autor deste livro	293
Do mesmo autor – Para conhecer mais.....	295

De como eu me vi obrigado a escrever...

Eu preferiria não ter escrito este livro. Não é nem um pouco agradável ter de submeter a minha amada Igreja a uma crítica tão contundente. E uma crítica, aqui, em forma de publicação. Com “minha amada Igreja” refiro-me à *Igreja Católica* – a maior, a mais poderosa, a mais internacional, em certo sentido também a mais antiga, cuja história e destino permearam os de todas as outras Igrejas.

Certamente eu preferiria dedicar meu tempo a outras questões e projetos importantes que urgem e estão presentes em minha agenda. Mas o curso da restauração tal como se deu nas últimas três décadas, sob o comando dos papas Karol Wojtyła e Joseph Ratzinger, com seus efeitos cruciais, cada vez mais dramáticos para o ecumenismo cristão, obriga-me a de novo assumir o papel, que tanto me desagradava, de crítico do papa e de reformador da Igreja, numa ocupação que não raras vezes tem suplantado aspectos de minhas obras teológicas, que me seriam mais importantes.

A grande crise da Igreja

Na atual conjuntura já não é possível calar de maneira responsável: há décadas tenho feito observar a grande crise que a Igreja Católica atravessa – na verdade, uma *crise de direção*, com seus desdobramentos –, a produzir resultados diversos em diferentes esferas, além de consequências razoáveis para a hierarquia católica. Só mesmo com a revelação dos numerosos casos de abusos sexuais no seio do próprio clero católico, os quais durante décadas foram encobertos por Roma e pelos bispos, essa crise se tornou *sistêmica* e visível para o mundo inteiro, exigindo uma resposta de fundo teológico. As proferições do papa, bem como suas viagens, encenadas com pompa e grandiosidade (para efeitos de encenação podendo assumir ou a forma de “peregrinações” ou de “visitas de Estado”), e, por parte da transmissão, os jornais e as campanhas midiáticas, de um modo geral, já não conseguem esconder o estado de crise permanente. Isso se evidencia nas centenas de milhares de casos de abandono da Igreja na Alemanha, sobretudo no crescente distanciamento do povo em relação à Igreja tomada como instituição.

Digo ainda uma vez: eu preferiria não ter escrito este livro. E preferiria *não* tê-lo escrito:

1. E não o precisaria, se se tivesse satisfeita a esperança de que o *papa Bento XVI* sinalizasse com uma saída para nossa Igreja bem no espírito do Concílio Vaticano II. Essa esperança me foi inoculada por ocasião do debate pessoal, e amistoso, com meus outrora colegas de Tübingen, em Castel Gandolfo, em 2005. Mas Bento XVI resolveu persistir no caminho da restauração, aberto por seus predecessores, e foi precisamente por isso que em pontos

de vital importância ele acabou se distanciando tanto do Concílio quanto de grande parte da comunidade eclesial, omitindo-se diante dos casos de abusos sexuais por parte de clérigos de todo o mundo.

2. E não o precisaria, se os *bispos* realmente percebessem a responsabilidade colegial para com a Igreja como um todo, responsabilidade essa que lhes foi atribuída pelo Concílio, e a fizessem valer com palavras e ações. Mas, sob o comando de Wojtyla/Ratzinger, a maioria deles voltou a se alinhar cegamente às diretrizes do Vaticano, sem dar mostras de responsabilidade, nem do perfil que lhes seria próprio: mesmo suas respostas aos mais recentes movimentos da Igreja se revelaram hesitantes e pouco convincentes.
3. E não o precisaria, se, com o mesmo vigor de outrora, os teólogos, em conjunto e publicamente, tivessem manifestado oposição à nova repressão e à influência romana na escolha dos novos pesquisadores das faculdades e seminários. Mas a maior parte dos teólogos católicos tem o justificável medo de críticas que podem ser suscitadas pelo tratamento imparcial de temas considerados tabu pela dogmática e pela moral, que os poriam fadados à censura e à marginalização. Apenas poucos deles ousam manifestar apoio ao “KirchenVolksBewegung”¹ – “Movimento Popular da Igreja” de caráter mundial e reformador. Tampouco recebem suficiente apoio de teólogos evangélicos e líderes de Igrejas evangélicas, já que muitos deles veem nas questões relativas à reforma problemas intrinsecamente católicos, e com isso muitos deles optam pela via pragmática das boas relações com Roma

1. O equivalente em português seria “Movimento do Povo da Igreja”. (N. do T.)

em detrimento da liberdade do cristão. Assim como em outros debates públicos, a teologia propriamente dita acabou por desempenhar um papel reduzido nas últimas discussões que envolveram as Igrejas católica e não católicas, e com isso se desperdiçou a oportunidade de exigir, de maneira decisiva, as reformas necessárias.

A Igreja sofre de quê?

Dos mais diferentes públicos chegavam até mim, por via oral ou escrita, pedidos e estímulos para que eu emitisse um posicionamento claro sobre o presente e o futuro da Igreja Católica. Tanto que por fim acabei me decidindo a, em vez de reunir colunas e artigos individuais, elaborar um escrito compacto e abrangente que viesse expor e fundamentar o que ora apresento como a minha ponderada análise do *cerne da crise: a Igreja Católica*, esta grande comunidade da fé, encontra-se gravemente *enferma*, padecendo sob o *sistema de comando da Igreja romana*, Igreja que no decorrer do segundo milênio se estabeleceu desafiando todos os obstáculos e até hoje se mantém. Como será demonstrado, o que a caracteriza é um monopólio do poder e da verdade, por meio do jurisdicidismo e do clericalismo, da animosidade para com o sexo e com as mulheres, bem como pelo uso do poder nos âmbitos espiritual e não espiritual. Se esse sistema pode não ser o único, certamente é o principal responsável pelas três grandes cisões da cristandade: a primeira, entre as Igrejas ocidental e oriental, no século XI; a segunda, no seio da Igreja ocidental, entre as Igrejas católica e a nascente religião protestante, no século XVI; finalmente, na passagem do século XVIII para o XIX, a terceira cisão, entre o catolicismo romano e o mundo iluminista moderno.

É preciso dizer desde já: sou um teólogo ecumênico e, de modo algum, *fixado na figura do papa*. Em *Das Christentum – Wesen und Geschichte [A Igreja Católica]* (1994), pelas mais diversas perspectivas, analisei e apresentei diferentes períodos, paradigmas e confissões da história da cristandade, e segundo tal abordagem não há como contestar que o papado é o elemento central do paradigma católico romano. Essa Igreja, que em sua origem foi um ofício de Pedro e cresceu a partir daí, para muitos cristãos continua a ser uma instituição plena de sentido. Porém, desde o século XI, cada vez mais tem se tornado um *papado monarquista absoluto*, que instaurou seu domínio sobre a história da Igreja Católica, vindo a produzir as referidas cisões do ecumenismo. Apesar de todo o retrocesso político e ocaso cultural, o crescente poder do papado no interior da Igreja é um marco decisivo na história da Igreja Católica. Os pontos nevrálgicos da Igreja Católica não são tanto os problemas da liturgia, da teologia, da religiosidade, da vida sacerdotal ou da arte, tratando-se, isso sim, de problemas relativos ao modo como se constitui a Igreja, que no curso da história da Igreja tradicional recebeu pouca ou nenhuma elaboração crítica. Esse aspecto, até pelo pendor ecumênico que apresenta, é o que pretendo abordar aqui com especial atenção.

Eu e Joseph Ratzinger, atual papa, fomos os mais jovens conselheiros oficiais do Concílio Vaticano II (1962-1965), que procurou corrigir alguns pontos cruciais do sistema romano. Infelizmente, esse propósito se deixou lograr apenas em parte, em razão da oposição da Cúria Romana. No período pós-concílio, Roma passou cada vez mais a reverter as iniciativas de renovação, o que nos últimos anos conduziu a uma irrupção aberta da crescente e ameaçadora enfermidade da Igreja Católica.

Os escândalos de abuso sexual no clero católico são apenas o mais recente dos sintomas. Eles assumiram tamanha magnitude, que em toda e qualquer instituição de grande porte veio a se instituir uma investigação aprofundada dos motivos que teriam produzido tragédia desse tipo. Não foi o que se deu na Cúria Romana e no episcopado católico. Em primeiro lugar, ela não assumiu sua parcela de culpa pelo sistemático encobrimento dos casos. Em segundo, com raras exceções, a Cúria tampouco demonstrou interesse em descobrir as razões sistêmicas e historicamente mais profundas desse catastrófico desvirtuamento.

São a lamentável unilateralidade e a indisposição para as reformas por parte do atual comando da Igreja que me levam a demonstrar abertamente a *verdade histórica das origens cristãs* das atitudes de esquecimento, dissimulação e encobrimento que permeiam a Igreja. Ao leitor historicamente menos informado, ou para o católico tradicional, esse esforço pode exercer o efeito de profundo desencanto. E quem até agora não se viu seriamente confrontado com as circunstâncias da história por certo ficará alarmado ao verificar como tudo, em toda parte – e refiro-me aqui às instituições e constituições eclesiásticas, em especial à instituição católico-romana do papado –, foi se tornando “humano, demasiadamente humano”. Porém, isso pode revelar também um aspecto favorável: essas instituições e constituições – mesmo e precisamente o papado – são mutáveis, subjazendo a elas a possibilidade de reforma. Portanto, o papado não deve ser dissolvido, mas sim renovado no espírito de um ofício de Pedro, dessa feita sob uma orientação efetivamente bíblica. Ora, o que deve ser dissolvido é o sistema de comando medieval romano. Minha “destrutividade” crítica se põe a serviço da “construção”,

da reforma e da renovação, tudo isso na esperança de que, no terceiro milênio, a Igreja Católica continue a ser viável, a despeito de todos os indícios em contrário.

Terapeuta, sim; juiz, não

Muitos leitores poderão se admirar do fato de neste livro eu me valer de uma metáfora da medicina. Recorro à medicina porque a relação entre saúde e doença permite um paralelo com a Igreja em sua condição de organização e o organismo humano. Acresce-se a isso que na linguagem da medicina eu encontro melhor meio de expressão que na jurídica, já que neste livro eminentemente crítico eu me ponho na posição não de um juiz, mas – em sentido abrangente – na de uma espécie de terapeuta.

O crucial de minha crítica incide sobre o sistema romano, e é claro que devo fundamentá-la ponto por ponto. Para todos os efeitos, neste livro eu empenhei um esforço contínuo para emitir um diagnóstico sério, como numa proposta terapêutica eficaz. Sem dúvida, a Igreja não raro precisará de um remédio amargo, indispensável, se ela quiser convalescer. E a história que aqui apresento é de um enredo tenso, como tantas vezes é o caso nas enfermidades; tampouco é uma história agradável. Portanto, não é por presunção nem por espírito contencioso que eu a formulo de maneira tão explícita, mas é por dever de consciência que à minha comunidade cristã, a que tenho procurado servir durante toda uma vida, intento prestar mais esse – será o último? – serviço.

A experiência permite antever que Roma tudo fará para calar livro inconveniente como este, ou bani-lo, se fosse possível. Justamente por isso espero contar com o apoio da

comunidade cristã, dos teólogos e, assim quero crer, dos bispos que estejam abertos para o diálogo, com o intuito de fazer despertar a hierarquia da Igreja Católica, tão ideologicamente siderada e quase sempre jurídica e financeiramente salvaguardada: a *patogênese* que aqui apresento, essa elucidação dos caminhos trilhados bem como a tomada de consciência das consequências da enfermidade de que padece a Igreja Católica, para não falar da imposição de uma terapia incômoda, espera não encontrar uma recusa ao diálogo nem a anteposição de barreiras. Enfim, haverá esperança, ao menos para a Igreja na Alemanha?

Agenda para um “diálogo sobre o futuro”

A convite da ordem laica católica superior e do Comitê Central dos Católicos Alemães (ZDK, da sigla alemã para Zentralkomitee der Deutschen Katholiken), no segundo semestre de 2010 a Conferência dos Bispos Alemães, em carta a todos os católicos após a chocante descoberta dos casos de violência sexual encobertos durante décadas, divulgou um “diálogo para o futuro”, de cunho eclesiástico e duração de dois anos. É louvável essa *iniciativa para um diálogo*, mesmo que tardia, passados cinquenta anos do Concílio Vaticano II; no entanto, ela expressa a apreensão dos bispos ante a frustração, oposição e êxodo dos fiéis católicos, na sequência da crise resultante dos abusos sexuais e dos enormes obstáculos impostos à necessária reforma. O diálogo deve envolver a conferência dos bispos, as dioceses, as comunidades e também os não católicos.

Mas na virada de 2010 para 2011 verificou-se que a iniciativa do diálogo estagnara – os bispos alemães entraram em desacordo. Muitos deles por mais de uma vez ignoraram o

Comitê Central dos Católicos Alemães como parceiro de diálogo e de cooperação – silenciando completamente em relação aos milhares de assinaturas a legitimar o manifesto “Wir sind Kirche”², liderado pelo movimento Kirchen-VolksBewegung e pela “Stimme des Kirchenvolkes”³, uma organização de caráter independente. Em sua carta de fins de novembro de 2010, dirigida às comunidades, em momento algum os bispos conseguiram demonstrar união. Os fiéis tiveram de esperar até o primeiro semestre de 2011.

Mas esses fiéis recordam-se muito bem de que já houve iniciativas de diálogo semelhantes – podendo-se incluir aqui aquelas relacionadas a questionamentos quanto à nomeação de bispos –, cujo resultado foi, para esse público católico, uma desilusão, como decepcionantes também foram os resultados do Sínodo de Würzburg (1971-1975) e de muitos sínodos de dioceses, devidamente “engavetados” pela hierarquia, e simplesmente recusados pela Cúria Romana. Por isso, também hoje muitos católicos suspeitam que com um “diálogo” a intenção dos bispos seria, mais do que qualquer outra coisa, exercer pressão para adiar ainda mais as reformas.

Não menos fundamentada encontra-se a suspeita de que, como tantas vezes foi o caso, a diplomacia secreta do Vaticano teria exercido pressão sobre os bispos alemães – como já sucedera por ocasião do “diálogo para a Áustria” (1977), que se iniciara de maneira auspiciosa – para frear o máximo possível a proposta do diálogo, ou mesmo para abortá-la. A nova ofensiva para o diálogo por parte do episcopado alemão seria mais convincente se viesse acompanhada de decisões relativas a determinadas reformas, com vista nas

2. Nós somos [a] Igreja. (N. do T.)

3. Voz do Povo de Deus. (N. do T.)

quais já há anos, se não decênios, realizam-se “diálogos”. Em todo o caso, a intenção dos católicos laicos seria a de realizar um diálogo que propiciasse resultados concretos, que eram justamente o temor de muitos bispos.

A indisposição para resultados concretos e reformas é tanto mais espantosa ante os dados da pesquisa “Comunicação Religiosa 2010”, encomendada pela própria conferência dos bispos: segundo ela, apenas 54% dos católicos se sentiam ligados à Igreja, dos quais mais de dois terços de maneira crítica. Em números absolutos, só em 2010, 250 mil pessoas se desvinculariam da Igreja Católica da Alemanha, aproximadamente o dobro dos que o tinham feito no ano anterior; houve também um êxodo para as Igrejas evangélicas (dados do sociólogo da religião Michael Ebertz, da Faculdade Católica de Freiburg).

E, como sempre, eu me disponho ao diálogo e sugiro aqui uma *agenda* fundamentada num trabalho teológico minucioso, que realizei e me consumiu décadas, e numa experiência sacerdotal, olhos postos num diálogo futuro e nas decisões que possam advir daí. Há cinquenta anos eu havia feito algo semelhante, após a convocação do Concílio Vaticano II, com o livro *Konzil und Wiedervereinigung* [“Concílio e reunificação. Renovação como chamado para a unidade”] (1960). “Agenda” (do latim) deve ser compreendida não apenas como um caderno de anotações no qual se faça registrar *pro memoria* assuntos que deverão ser tratados, mas sim como um conjunto de tarefas a ser realizadas em caráter de urgência e mediante um programa de ações. Como seria bom se, a despeito de todos os obstáculos, este livro obtivesse êxito semelhante àquele que publiquei cinquenta anos atrás, que teve suas ousadas propostas efetivamente implementadas pelo Concílio. E, vale lembrar ainda uma vez, hoje não necessitamos discussões e reflexões que se

estendam por anos, mas decisões ousadas e reformas estruturais corajosas, das quais há fundamentação detalhada e formulação clara no último capítulo deste livro.

No entanto, se o “diálogo para o futuro” continuar a se mostrar estéril, estou convencido de que a referida agenda se manterá na ordem do dia da Igreja Católica. E exatamente por isso meus esforços não terão sido em vão.

Tübingen, 1º de fevereiro de 2010.